
Jornalismo Comunitário e Experiências de Cidadania na Produção Audiovisual ¹

Lilian ZANATTA²
Jane Márcia MAZZARINO³
Universidade do Vale do Taquari, Lajeado, RS

RESUMO

Tendo como desafio ampliar as relações da universidade com a comunidade, as disciplinas curriculares passaram a incluir atividades que propõem o protagonismo dos alunos. Na disciplina Oficina de Jornalismo em Comunidades, do curso de Jornalismo da Universidade do Vale do Taquari (Univates), os estudantes foram convidados a realizar uma intervenção comunitária junto a quatro grupos sociais, usando a linguagem audiovisual para abordar temas ambientais. O objetivo do estudo é analisar as dinâmicas, modos de fazer e abordagens dos temas pelos grupos comunitários no processo de produção de audiovisuais realizado. Trata-se de um estudo qualitativo, exploratório, descritivo e de cunho intervencionista.

PALAVRAS-CHAVE: Ambiente; Audiovisuais; Comunidade; Intervenção; Jornalismo.

INTRODUÇÃO

Considera-se relevante expandir os horizontes das instituições de educação para demandas que, geralmente, não são assimiladas como relevantes por não fazerem parte do cotidiano acadêmico. No caso das universidades, percebe-se que produzem impactos no desenvolvimento das regiões onde se inserem.

Diante disso, a Universidade do Vale do Taquari (Univates), de Lajeado, Rio Grande do Sul, oferece aos estudantes de graduação do curso de Jornalismo um meio de aprimorar-se em seus conhecimentos, interagindo com os saberes populares. A grade curricular do curso é contemplada com a Oficina de Jornalismo em Comunidades. A disciplina foca o protagonismo dos alunos em ações comunitárias que contemplam a perspectiva cidadã e serve, simultaneamente, como intermediação de uma relação entre a universidade e a comunidade.

¹ Trabalho apresentado na IJ 07 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

² Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da Universidade do Vale do Taquari (Univates), e-mail: lzanatta@univates.br.

³ Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), professora permanente do Programa de Pós-Graduação Ambiente e Desenvolvimento (PPGAD) da Universidade do Vale do Taquari (Univates), e-mail: janemazzarino@univates.br.

Provocam-se intervenções sociais em que os alunos atuam como mediadores na construção de processos colaborativos de apropriação das tecnologias de mídia. Tais mediações ocorrem após um aprofundamento teórico sobre diversos modos de atuação do jornalista nas comunidades, sobre como se desenvolvem as ações em um projeto de intervenção social e sobre metodologias participativas para envolver a comunidade local.

Por entender a relevância de fortalecer o intercâmbio entre a comunidade e o âmbito acadêmico, a disciplina serve como uma forma de aprendizado fora de sala de aula. Os alunos são convidados a aplicarem seus conhecimentos teóricos de forma prática, desempenhando uma função de suporte e acolhida aos grupos sociais que aceitam fazer parte da proposta. Desta forma, se amplia a compreensão sobre a diversidade de áreas da profissão. Pode-se entender a proposta como um “processo educativo, cultural e científico, que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade (...)” (FÓRUM, 2013, p. 21). Além disso, trata-se de uma ação de extensão geradora de aprendizados em múltiplas circunstâncias sociais.

Além do trabalho desenvolver competências e habilidades dos estudantes, sensibiliza-os para os saberes circulantes na comunidade, construindo vínculos outros, que talvez não teriam oportunidade sem a interferência da disciplina. Assim, ampliam-se as fronteiras da universidade, em ações orientadas para o desenvolvimento regional sustentável.

Considerando a conexão necessária entre universidades e comunidades locais, é essencial efetuar o acesso a aprendizagens para quem não o teria de outro modo. Esta relação de colaboração provoca a popularização do conhecimento e pode empoderar grupos sociais, a partir do momento em que cria algo sobre e a partir de si mesmos. Para Felipe Pena

O jornalismo comunitário atende às demandas da cidadania e serve como instrumento de mobilização social. (...) Outra característica importante é o completo afastamento do ranço etnocêntrico. O jornalista de um veículo comunitário deve enxergar com os olhos da comunidade. Mesmo que já pertença a ela, deve fazer um esforço no sentido de verificar uma real apropriação dos processos de mediação pelo grupo. (PENA, 2005, p. 185-187)

Os estudantes envolvidos não são ainda jornalistas comunitários, mas ao longo da disciplina Oficina de Jornalismo em Comunidades, em 2017, vivenciaram com

intensidade esta prática, com isso ampliando suas possibilidades de criação, a partir de uma linguagem escolhida. A experiência que se relata e analisa neste artigo refere-se a escolha da linguagem audiovisual para abordar temas ambientais. Considerou-se que um produto audiovisual, que pode ser disponibilizado no ambiente virtual, com livre acesso, pode pautar as conversas públicas sobre temas ambientais e estimular a participação popular, a busca por qualidade de vida e práticas de resistência.

Essa articulação (jornalismo x comunidade x audiovisual x tema ambiental) está em sintonia com os atuais debates da área jornalística, que destacam, de forma singular, a pertinência do debate ambiental. A prática acadêmica capacitou os alunos para a atuação profissional no jornalismo comunitário e ambiental, concomitantemente, sensibilizando e estimulando o interesse por estas áreas de atuação.

Os temas ambientais terra, água, fogo e ar foram definidos pela professora, intuitivamente, e sorteados entre quatro equipes formadas pelos estudantes, que definiriam junto a quais grupos sociais da comunidade fariam suas intervenções, sendo que os grupos receptores das atividades definiram o modo com que seu elemento natural seria abordado no audiovisual. Os grupos escolhidos foram professores de uma escola pública de Taquari, crianças atendidas por programas assistenciais no município de Lajeado, migrantes haitianos que vivem em Estrela e artistas de rua que atuavam nas sinaleiras de Lajeado.

Problematiza-se como se dinamizaram as intervenções nos diferentes grupos sociais? Como se caracterizam as abordagens dadas aos temas ambientais? Que aproximações e distanciamentos observam-se em relação aos modos de fazer que emergiram?

O objetivo do estudo é analisar dinâmicas, modos de fazer e abordagens dos temas pelos grupos comunitários no processo de produção de audiovisuais realizado por meio de intervenções sociais de alunos da disciplina de Oficina de Jornalismo em Comunidades, do curso de Jornalismo da Universidade do Vale do Taquari. A atividade envolveu 21 alunos do curso e quatro grupos sociais.

Os relatos da experiência e a análise dos quatro audiovisuais produzidos são a base de dados deste artigo que, metodologicamente, caracteriza-se como um estudo exploratório e descritivo, guiado pela pesquisa de cunho intervencionista e qualitativa, baseada em estudo bibliográfico, de campo e documental.

A DINÂMICAS DAS INTERVENÇÕES COM OS GRUPOS SOCIAIS

Ao se pensar sobre as práticas de jornalismo comunitário, entende-se que efetivam formas de afirmar o poder da comunidade, possibilitando que esta narre os acontecimentos por si mesma, abordando os assuntos que considera relevantes. O estudante ou jornalista comunitário que atua junto a um grupo social ajuda nisso, criando relações, desenvolvendo processos de aprendizagem social e, assim, media a comunicação das demandas da comunidade.

Em vista disso, como passo inicial, os acadêmicos tiveram a função de escolher um grupo social junto ao qual desenvolveriam sua intervenção, tendo como tema o elemento natural sorteado. Os estudantes realizaram, em cada grupo, dinâmicas para a criação do roteiro do audiovisual atendendo as suas demandas de abordagem. Como afirma Paiva (2003, p. 139), em intervenções comunitárias “o destaque aos assuntos é dado em função da sua importância para o grupo social, numa relação direta com o cotidiano das pessoas”.

Os graduandos colocaram em prática técnicas aprendidas no contexto das aulas da disciplina. Para a criação do roteiro usaram da “tempestade de ideias”, coletando palavras que emergiam naturalmente a partir da relação que faziam com o elemento natural que coube a cada grupo. Depois organizaram as ideias buscando um fio condutor, como gostariam de apresentar no audiovisual. Os alunos ensinaram aos grupos sociais técnicas básicas para a produção de imagens em audiovisuais: ângulo, enquadramento, iluminação, som e outros recursos complementares. Os relatos dos estudantes sobre suas intervenções apontam que a comunicação foi participativa, com dinâmicas que possibilitaram que os grupos sociais fossem os autores da produção audiovisual, ocorrendo o processo de apropriação do conhecimento, de modo singular em cada grupo.

O grupo de alunos sorteado com o elemento Terra decidiu elaborar sua produção com migrantes haitianos que vivem na cidade de Estrela. Após o contato realizado com um integrante do grupo de migrantes, decidem se encontrar em um lugar de fácil acesso para todos. Já no primeiro encontro os graduandos relatam o interesse demonstrado pelos migrantes no momento em que compreenderam a proposta. Os migrantes, que já produziam vídeos experimentais com seus próprios celulares, tinham como anseio executar uma produção maior do que já estavam acostumados, a fim de se qualificarem. O tema foi relacionado a sua terra natal, o Haiti, e a abordagem teve como foco o

deslocamento do seu país para o Brasil devido ao terremoto que aconteceu lá, no ano de 2010. Já nesta definição percebe-se a importância que representa a oportunidade deles produzirem uma narrativa sobre sua própria experiência, a partir de um ato que possibilitou dar visibilidade ao seu modo de dar sentido à migração.

Nas situações vividas pelos imigrantes, a solidariedade cria laços sociais no novo meio, que são transformados em centros, sociedades e núcleos, que oferecem clima capaz de congregá-los ao dar-lhes um mínimo de representação em frente às autoridades, frente ao Estado. (SEQUEIRA, BICUDO, 2007, p. 6).

Os estudantes que tinham por tarefa abordar o elemento Água escolheram como grupo social as crianças do Projeto Vida São José, da cidade de Lajeado. As crianças foram escolhidas pela diretora do projeto, utilizando como critério as “mais interessadas, comportadas e colaborativas”, características relevantes já que o processo de produção seria realizado por eles, com o apoio dos universitários. O roteiro foi criado baseado em dinâmicas participativas, quando emergiu como foco a necessidade da economia e cuidado com a qualidade da água. Os acadêmicos relatam a experiência de ter que interpretar a linguagem das crianças, algo inédito. Em estudo de Silva, Souza e Santos (2012), estes destacam que ao trabalharem com crianças, as metodologias usadas tiveram o intuito de aproximar os conteúdos aos produtores, de forma dinâmica e participativa. Os alunos mediadores do encontro relatam o interesse demonstrado por todos os participantes, que estavam animados e se envolveram em todas as etapas de produção, principalmente nas práticas, quando tiveram a oportunidade de manusear equipamentos de filmagem.

A intervenção que abordou o elemento Fogo foi realizada com a Escola Municipal de Ensino Fundamental de Turno Integral José Victor Mairesse, do município de Fazenda Vilanova, e foi protagonizado pelos professores. Por meio de dinâmicas participativas foi produzido o roteiro baseado em pontos positivos e negativos a respeito do elemento, chamando a atenção para os problemas decorrentes do fogo. Após o aprimoramento sobre as práticas de filmagens, as professoras manifestaram-se opinando sobre como queriam que fosse a edição do filme, selecionando as cenas necessárias e as descartáveis, definindo como gostariam que se apresentasse cada ideia. No último encontro realizaram uma confraternização, quando apresentaram o documentário finalizado para todos os envolvidos. As professoras disseram se sentir satisfeitas e emocionadas com o filme, ressaltando que o aprendizado

que tiveram sobre as tecnologias de mídia poderão ser utilizados nos processos de educação escolar em que estão envolvidas. Este dado aponta para a potência deste tipo de prática de jornalismo comunitário, que possibilita futuras produções independentes e a disseminação do conhecimento.

Seguindo as mesmas características dos grupos anteriores, os acadêmicos do grupo Ar desenvolveram a produção com uma dupla de artistas de rua que atuavam nos semáforos da cidade de Lajeado. Com a elaboração de metodologias de estímulo à criatividade, os malabaristas de rua relacionaram o ar ao seu trabalho, definindo como foco do roteiro a abordagem de pontos positivos e negativos relacionados ao ar na prática de malabares nos semáforos de Lajeado. Realizaram as gravações reproduzindo técnicas de produção que haviam aprendido. A dupla demonstrou a expectativa com a exposição do filme em canais de comunicação, de modo que mais pessoas possam conhecer seu trabalho e a filosofia de vida dos artistas de rua. Os acadêmicos destacaram o comprometimento mantido pela dupla de artistas até o final do trabalho e relatam que os malabaristas estavam deslumbrados com o fato de serem retratados em um audiovisual produzido por eles.

Os relatos conjugam-se mutuamente em relação ao papel social que o jornalismo comunitário pode cumprir, podendo consagrar práticas de livre expressão da comunidade. Além disso a experiência contribuiu para a formação de acadêmicos mais críticos e sensíveis em relação à realidade social, já que tiveram que se envolver e construir relações com aqueles grupos sociais que ocuparam o lugar de fontes, mas em uma perspectiva colaborativa de construção de conteúdo.

A experiência de aprendizagem social em um contexto comunitário cumpre a função de elaborar, a partir de práticas participativas e educacionais, um sentimento de valorização local e inclusão social, auxiliando na identificação e na narrativa das demandas sociais. Andrade (2009, p. 6) ressalta a importância dos participantes terem "liberdade para decidir os temas a serem abordados", de se realizar a "discussão dos temas escolhidos antes da etapa de roteirização e gravação", assim como de se "estabelecer estratégias de abordagem de um determinado tema e de pensar a relevância dos mesmos para suas comunidades."

ABORDAGENS AMBIENTAIS EM PRODUÇÕES MIDIÁTICAS

Como consequência dos encontros, as práticas participativas resultaram em quatro produções audiovisuais e disseminaram, entre os grupos sociais envolvidos, a noção de alguma autonomia em relação à apropriação das tecnologias de mídia para a produção de narrativas audiovisuais socioambientais. Trata-se de um processo de educação e de comunicação social.

A produção audiovisual do grupo Terra interpreta o elemento natural como o Haiti e a tragédia do ano de 2010, em decorrência da qual os migrantes haitianos passaram a viver no Brasil. O vídeo apresenta cenas da situação do país após o terremoto e os migrantes relatam seu amor pelo país. Encenam o cotidiano de suas vidas no Haiti e no Brasil. Destacam que mesmo tendo passado por situações difíceis após a destruição, preferiam ter continuado em seu país, mas entendem que a vinda ao Brasil foi uma melhor opção para a família. Após algum tempo em terras brasileiras, os haitianos dizem nutrir grande amor pelo Brasil, sentindo-se bem acolhidos pelos brasileiros. Falar português e empregar-se são citadas como as duas maiores dificuldades.

Imagem 1 - Audiovisual Trablemanté: de lá pra cá



Fonte: Fernanda Kochhann

O audiovisual do grupo Água é uma intervenção roteirizada, encenada e registrada por alunos do Projeto Vida São José. Durante o vídeo os participantes buscam impactar os espectadores usando diferentes estratégias narrativas: declamação de poesia, encenações e depoimentos dos participantes sobre a importância, desperdício e poluição da água. Há cenas de crianças brincando na água e ressaltando a necessidade de seu reaproveitamento.

Imagem 2 - Audiovisual Gotas da Vida



Fonte: Lucas George Wendt

Desenvolvido com professores e alunos da Escola Pública de Ensino Fundamental José Victor Mairesse, o filme do grupo Fogo aborda diferentes situações de contato humano com este elemento natural. Nota-se o desempenho dos professores que participaram do projeto. Contataram um historiador para trabalhar com os alunos o tema do fogo, desde sua origem, gerando um conteúdo informativo. São construídas cenas da palestra com o historiador, assim como entrevistas com o mesmo e com alguns alunos, que falam sobre suas percepções e aprendizados sobre o surgimento do fogo, além de ressaltarem seus benefícios e malefícios. Ainda destaca-se a importância de tratar sobre o assunto em ambiente escolar, revelando os trabalhos que os professores

desenvolvem neste sentido. Usam-se imagens da natureza e do ambiente escolar, acompanhadas de uma trilha sonora que harmoniza com as cenas.

Imagem 3 - Audiovisual O Fogo



Fonte: Tiago Wiethôlter

O audiovisual do grupo Ar foca a relação dos malabaristas com o ar para produzir sua arte. Em sua criação, é perceptível a valorização da cultura de rua, o que é explorado combinando a aparição do dia a dia da dupla nos semáforos da cidade de Lajeado. Realizam entrevistas entre si, demonstrando-se um certo desconforto dos artistas ao se expressarem, possivelmente por não terem o costume de falar sobre si e em frente à câmera. Comentam sobre o contato que têm com a poluição atmosférica, por estarem trabalhando entre os automóveis que passam pelos semáforos, e pela poluição que eles mesmos geram ao aplicar o fogo em seus malabares. Também produzem entrevistas com pessoas que passam pela rua, questionando: “Como tu enxerga a poluição dentro da cidade de Lajeado?”. Em seu vídeo, evidenciam a opinião de que, apesar dos obstáculos que enfrentam e de não se sentirem valorizados pelo seu trabalho, nunca se perceberam tão felizes quanto depois que descobriram os malabares, que, para eles, significa levar alegria para o público e passar uma cultura de preservação.

Imagem 4 - Audiovisual Malab-Ar



Fonte: Camila Pires

Quando a partir de uma disciplina de graduação em Jornalismo, com enfoque comunitário, quatro grupos se apropriam das tecnologias de mídia para produzirem narrativas audiovisuais de modo amador, evidencia-se que as práticas que promovem a participação social oferece-se como um agente descomplicador em relação às próprias práticas da formação, como também ampliam a possibilidade de amadores experienciarem algumas funções da produção da informação “apuração, entrevista, redação, edição e distribuição” (MARTINS, 2012, p. 88), como foi possível perceber nos resultados produzidos pelos diferentes grupos sociais.

Os alunos auxiliaram em alguns detalhes da produção e na edição, cumprindo o que os participantes determinavam, assim se garantiu o protagonismo dos grupos sociais em todas as etapas. Os acadêmicos envolvidos nos quatro grupos destacaram a empolgação e o deslumbramento dos participantes diante dos equipamentos de filmagem, seduzidos pela possibilidade de explorarem práticas da produção audiovisual, que requer instrumentos que não são de seu fácil acesso.

Além de abordar os temas ambientais, os filmes ofertaram aos espectadores formas de ver o mundo dos quatro grupos sociais. Os mesmos aproximaram as narrativas que tinham que produzir livremente sobre os temas ambientais ao seu

contexto de vida. Trata-se de uma prática de existência e resistência simultaneamente. Para Silva (2011, p. 5), “a produção realizada pelas pessoas comuns permite subverter a ordem estabelecida pela grande mídia e interpretar os fatos a partir da experiência de cada sujeito produtor-receptor sobre o mundo que o cerca”. A experiência oportunizada pela universidade permitiu à comunidade demonstrar o seu olhar sobre a sociedade e o local em que vivem, um direito primordial para grupos geralmente sem acesso aos recursos de produção de informação.

Silva, Souza e Santos (2012, p. 2), avaliando oficinas fotográficas realizadas em quilombo, afirmam, quanto a uma metodologia parecida com o estudo apresentado, que: [...] abre caminho para a pesquisa participante, permitindo que a comunidade produza seus próprios registros e pautas para a equipe de pesquisa o que é importante, contribuindo e muito para o processo de construção identitária.” Isto pode ser percebido tanto na execução do projeto, quanto no resultado dos audiovisuais.

APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS DOS MODOS DE FAZER

A perspectiva de transformar a comunidade por meio de práticas de comunicação possibilita a cada grupo se perceber na sua potencialidade de serem criadores de conteúdo, desde que se forneça a eles informações elementares sobre as técnicas necessárias para expressarem, por meio dos audiovisuais, suas visões de mundo, suas demandas, suas pautas. Uma análise nesse sentido, evidenciou que os resultados dos encontros e das produções audiovisuais dos grupos se assemelham, mesmo tendo um distanciamento ligeiro quando se analisam suas características individuais.

No decorrer da análise, verifica-se pontos de aproximação entre os grupos, como o uso de metodologias de estímulo à criatividade, que se replicaram nos encontros entre os acadêmicos e os comunitários. Especificamente, trata-se da dinâmica de “tempestade de ideias”, em que os participantes falavam palavras que remetiam ao elemento proposto a elas, surgindo daí relações que fomentaram a elaboração do roteiro e, ainda, a aplicação de técnicas da produção audiovisual por meio de dinâmicas em que realizaram testes com as câmeras e formas de criação de um filme com os grupos.

Em meio à definição das pautas e dos roteiros para o filme, as ideias dos grupos se sobressaíram, o que é parte fundamental na relação entre jornalistas e os públicos, conforme defendem Kovach e Rosenstiel (2004). Estes autores tratam desta relação em

um contexto de práticas jornalísticas tradicionais, mas seu posicionamento pode ser aproximado para compreender as experiências de um jornalismo conectado com as demandas da comunidade em um contexto alternativo também, como este que está sendo relatado neste artigo. Kovach e Rosenstiel (2004, p. 42) defendem que “o novo jornalista não decide mais o que o público deve saber. Ele ajuda o público a pôr ordem nas coisas.” Entende-se que esta função, de um jornalista mediador das coisas sociais, pode se dar tanto em práticas de jornalismo tradicionais como alternativas.

Todos os grupos focaram a abordagem dos elementos em uma perspectiva dual: aspectos positivos e negativos. Os grupos Ar e Terra tinham o objetivo de dar visibilidade à sua experiência de vida, o que fizeram apresentando pontos vantajosos e desvantajosos em relação ao tema, associado aos seus cotidianos e modos de viver. Andrade (2009, p. 5), em experiência semelhante de produção de documentários com indígenas, percebe que as produções tendem a proporcionar uma reflexão crítica. Se o vídeo gera uma reflexão, não serve mais apenas como entretenimento.

Como resultado, ainda, todos os acadêmicos salientaram os aprendizados que obtiveram com o projeto realizado por meio da disciplina. Relataram que puderam conhecer mais sobre certas culturas e estilos de vida que não pertencem ao cotidiano deles, servindo para uma construção de conhecimentos profissionais e pessoais. Também os participantes afirmaram terem se sentido realizados com o resultado de suas produções, pois puderam criar relatos sobre si mesmos, saindo da mera condição de receptores. Os resultados de produções como estas, que criaram um vínculo entre universidade e comunidade, ampliam e favorecem a ideia de valorização social e pertencimento local, o que, por vezes, sem que percebamos, falta na formação dos jornalistas como cidadãos que tem um papel fundamental na sociedade em que vivem.

CONCLUSÃO

A experiência oferecida pela Oficina de Jornalismo Comunitário da Univates fortalece o atendimento às demandas comunitárias, propiciando o contato dos alunos com a produção jornalística audiovisual e complementando sua formação como jornalista-cidadão atuante na comunidade, garantindo-se, simultaneamente, a oportunidade de dar visibilidade a questões e temas sociais e ambientais.

Os resultados obtidos através do processo de intervenção resumem-se na produção de quatro audiovisuais realizados por meio de metodologias colaborativas,

que provocaram a apropriação das tecnologias de mídia por grupos sociais diversos, sendo eles professores, crianças, artistas de rua e migrantes. Analisando-se a partir de relatos dos acadêmicos e dos resultados das produções audiovisuais, podemos notar a maneira com que cada grupo social demonstrou especificidades ao longo do fazer midiático, apresentando em suas produções perspectivas variadas sobre os quatro elementos naturais. As crianças acolheram a dramatização na abordagem sobre o problema das águas contaminadas, os haitianos relataram a adaptação em terras brasileiras, os malabaristas refletiram sobre sua relação intrínseca com o ar na sua arte e no local de trabalho, enquanto as professoras optaram por abordar a necessidade dos cuidados com o fogo em projeto escolar, que foi o tema do documentário.

Desta forma, entende-se que o jornalismo comunitário é aquele que se disponibiliza a dialogar com comunidade e seus grupos sociais, abrindo espaço para abordagens que não costumam ser tratadas pela grande imprensa, mas que, por meio de processos comunitários, podem ter vez, valorizando as visões de mundo populares.

A experiência de mediação de acadêmicos em processos de produção de informação socioambiental em comunidades contribui para o fortalecimento da sociedade civil e para a formação de jornalistas enquanto agentes de empoderamento de grupos sociais, que passam a ter um espaço de expressão das próprias demandas.

Com um viés educativo e de compartilhamento de informações e tecnologias, a experiência relatada ajudou a criar vínculos dos grupos sociais com a sociedade em que vivem, permitindo com que os próprios criadores se reconhecessem em suas produções. A inovação, a questão cultural e a comunicação social foram favorecidas ao longo do processo.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Gabriel Aguiar de. Fazendo vídeo com os índios Pitaguary: uma análise através dos modos de representação documental utilizados. In: INTERCOM. Sociedade Brasileira De Estudos Interdisciplinares Da Comunicação. **XXXII Congresso Brasileiro De Ciências Da Comunicação**, Curitiba, PR, 4 a 7 de setembro de 2009. p. 5-6.

FÓRUM de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. **Plano Nacional de Extensão Universitária**. 2. ed. Porto Alegre: Gráfica da UFRGS, 2013. p. 21.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os Elementos do Jornalismo: O que os jornalistas devem saber e o público exigir**. 2. ed. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

MARTINS, Rafael Barbosa Fialho. O Jornal-laboratório como exercício da prática e teoria na formação superior em Jornalismo. **Revista de Ciências Humanas**, Viçosa, v. 12, n. 1, p. 88, jan./jun. 2012. Disponível em:
<<http://www.cch.ufv.br/revista/pdfs/artigo8vol12-1.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2019.

PAIVA, Raquel. **O espírito comum: Comunidade, mídia e globalismo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

SEQUEIRA, Cleofe; BICUDO, Francisco. Jornalismo Comunitário - Conceitos, Importância e Desafios Contemporâneos. In: INTERCOM. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. **XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Santos, SP, 29 de agosto a 2 de setembro de 2007. p. 6.

SILVA, A. C. N.; SOUZA, U. V.; SANTOS, M. G. Oficina Fotográfica no Quipá: Imagens de um Quilombo no Sertão. In: INTERCOM. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. **XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Fortaleza, CE, 3 a 7 de setembro de 2012. p. 2-7.

SILVA, Denise Teresinha da. O uso alternativo de dispositivos midiáticos: a produção de mensagens pelos sujeitos da comunicação. In: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, **Grupo de Trabalho Comunicação e Cidadania do XX Encontro da Compós**, Porto Alegre, 14 a 17 de junho de 2011. p. 5